

# Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão oitocentista

Ricardo André Ferreira Martins\*

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo realizar um breve panorama histórico da atividade jornalística da imprensa literária ao longo do Maranhão oitocentista, no sentido de demonstrar como o mundo literário maranhense foi fundado e consolidado *pari passu* ao jornalismo político, disputando espaço nos jornais e periódicos do século XIX da capital maranhense, em que homens de letras e jornalistas confundiam-se.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Imprensa Literária. Maranhão.

**Resumén:** Este trabajo pretende realizar una breve reseña histórica del periodismo de la prensa literaria en todo el siglo XIX en el estado brasileño del Maranhão, para demostrar cómo el mundo literario fue fundado y consolidado *pari passu* al periodismo político, así como la lucha por el espacio en los periódicos y revistas de la capital del Maranhão, en los cuales literatos y periodistas se confundieron.

**Palabras clave:** Periodismo. Prensa Literaria. Maranhão.

**Abstract:** This paper is an attempt to carry out a brief historical overview of journalism in the literary press of Maranhão throughout the nineteenth century, in order to demonstrate how the literary world in Maranhão was founded and consolidated in the same time to political journalism, fighting for space in newspapers and journals of the nineteenth century in Maranhão's capital, in which literary men and journalists became confounded.

**Keywords:** Journalism. Literary press. Maranhão.

Um fator muito decisivo para a consolidação da atividade letrada no Maranhão foi o jornalismo literário e político que surgiu, sobretudo em São Luís, decorrente da intensa atividade tipográfica que ali se instalou em começos do século XIX. O governador Marechal Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, em 9 de novembro de 1821, informou a Lisboa que os maranhenses desejavam instituir a primeira imprensa da província assim que a primeira constituição portuguesa foi jurada no Maranhão. O desejo, ao que parece, era tanto que, antes mesmo de chegar a primeira prensa tipográfica, começou-se a publicar um periódico manuscrito, considerado o primeiro jornal maranhense, cujo título era *O Conciliador do Maranhão*. Já teria começado com assinantes, sendo redigido no porão de um casarão construído pelos jesuítas onde funcionaram, antes da redação do jornal, respectivamente, a Relação do Maranhão, a Repartição da Saúde Pública e o Corpo de Bombeiros. O primeiro número saiu do prelo em 15 de abril de 1821 (LOPES, 1959, p. 27).

Estima-se que eram impressos centenas de exemplares deste periódico manuscrito, distribuído a expensas do governo local. Contudo, é pouco provável que a tiragem desta primeira tentativa de imprensa no Maranhão tivesse alcançado algumas centenas de exemplares, já que era escrito à mão, em bico de pena. Quando chegou a primeira tipografia de São Luís, encomendada de Lisboa e denominada de Imprensa Nacional, *O Conciliador do Maranhão* começou a circular impresso na capital maranhense a partir de 10 de novembro de 1821. O seu formato, em folha de almaço, não foi alterado.

O pequeno jornal, fundado e patrocinado pelo governo do Marechal Silveira, saía duas vezes por semana. Seu primeiro diretor e redator foi Antônio Marques da Costa Soares, oficial-maior da secretaria do governo e secretário da Junta de Administração da Imprensa e muito possivelmente o primeiro jornalista do Maranhão, embora português de nascimento. A partir de 6 de abril de 1822, o número 77 do periódico aparece com o título reduzido para *O Conciliador*. Contudo, o semanário durou somente até 16 de julho de 1823, chegando aos 210 números impressos. As matérias do periódico maranhense tratavam, em geral, de atos da administração pública, notícias resumidas e uma diminuta seção de variedades. O conteúdo das notícias veiculadas pelo periódico indica que, durante o período em que foi feito na província o juramento da primeira constituição portuguesa, o órgão fundado pelo governador Marechal Bernardo da Silveira foi utilizado especialmente para atacar com

violência o partido de oposição dos “Conspícuos”. O jornal teve a sua existência marcada pela acirrada perseguição aos desafetos políticos do Marechal Silveira, dando início ao jornalismo partidário no Maranhão.

O fato é que o período pós-joanino no Maranhão, entre 1821 e 1823, como também o reinado de D. Pedro I, foi marcado por uma intensa atividade política que se fez sentir no crescimento da imprensa, sobretudo no Rio de Janeiro, tendo seus ecos na província do Maranhão. O jornalismo político apresentou um crescimento vertiginoso nesse período, uma vez que o clima era propício a este tipo de publicação. As sedições e revoltas espalhavam-se por todo o país enquanto a popularidade do príncipe D. Pedro I caía. Os adeptos da independência brasileira temiam um processo de recolonização, mas é importante ressaltar que a censura havia sido extinta, de modo que começaram a aparecer pelo país, contagiados por este ambiente de renovação política, inúmeros jornais.

A maioria deles teve uma vida muito curta, e é exatamente essa brevidade que impossibilita conhecer o número exato de periódicos em circulação pelo país. Eram jornais, em sua expressiva maioria, de curto fôlego, com linhas editoriais explicitamente partidárias, utilizados para hostilizar a administração de D. Pedro I, apresentando, sobretudo, uma linguagem virulenta, seja na defesa ou no ataque do governo constituído na corte ou nas províncias. No Maranhão, não se deu de forma diferente com *O Conciliador*. No entanto, com a adesão do Maranhão à independência brasileira e a deposição da Junta Governativa provisória em 14 de julho de 1823, o *Conciliador* foi extinto, já que o governo que o sustentava era contrário à emancipação política do país e defendia a continuação do Maranhão sob o domínio de Portugal.

De qualquer modo, a partir de 1821 começou uma proliferação de órgãos da imprensa em paralelo com o aumento das tipografias, tanto no Rio de Janeiro como no Maranhão. Os periódicos maranhenses, que vão desempenhar um papel importante no desenvolvimento político e cultural da província, serão representados por jornais e revistas de conteúdo partidário ou literário, cuja atuação no cenário local exercerá uma saliente influência sobre a opinião pública e o meio intelectual, sobretudo em São Luís. O Maranhão conhecerá então uma fase agitada e afortunada de seu jornalismo, pois serão muitos os periódicos postos em circulação. Entre todas estas publicações, demandam especial atenção o *Jornal de Timon* (1852 e 1855), de João Francisco Lisboa, e o panfleto<sup>1</sup> *A Casca de Caneleira* (1866), com o título original de *A Casca de Caneleira – Steeple-Chase – Por uma boa dúzia de Esperanças*, publicado pela

tipografia de Belarmino de Matos, cujos redatores eram Francisco Sotero dos Reis, Antônio Henriques Leal, Trajano Galvão, Gentil Homem de Almeida Braga, Dias Carneiro, Marques Rodrigues, Joaquim Serra, Joaquim de Sousa Andrade, Sabas da Costa, Raimundo Filgueiras e Caetano Cantanhede, sob os respectivos pseudônimos de Flávio Reimar, Pietro de Castelmare, James Blumm, Rufus Salero, Nicodemus, Jadael de Babel-Mandeb, Stephens Van-Ritter, Golondron de Bibac, Iwan Orloff e Conrado Rotenski (LOPES, 1959, p. 34).

A imprensa maranhense havia atingido, então, maturidade e quantidade, e se instalado definitivamente como instituição na sociedade local, contando com um público cativo, um parque tipográfico, com frequência uma tipografia própria dos jornalistas, que permitia a sua edição constante, além de um grupo expressivo de homens de letras e jornalistas que abasteciam os periódicos de textos e matérias sobre os mais diversos assuntos, sobretudo os de caráter político-partidário. Ao lado de muitos periódicos de cunho partidário, circulavam também um número razoável de revistas literárias, entre outras, nas quais se realizava a difusão de conhecimentos úteis sobre lavoura, saúde, costumes, ciências, filosofia, religião, indústria, comércio, geografia e, sobretudo, literatura.

Entre as figuras que mais se destacaram na atividade jornalística maranhense do século XIX, encontra-se a figura emblemática de João Francisco Lisboa. Após João Francisco Lisboa, treze anos mais velho que seu comprovenciano, a atividade de Francisco Sotero dos Reis como jornalista foi uma das mais importantes para a consolidação da opinião pública e difusão da atividade letrada e do gosto pela leitura na província do Maranhão durante o século 19. Da mesma forma que o autor do *Journal de Timon*, Sotero dos Reis foi autodidata, tendo estudado e adquirido vasto conhecimento de literatura, latim e língua portuguesa sem nunca ter frequentado cursos superiores, e aprendido, como Lisboa, apenas as noções básicas de humanidades durante as escassas e desorganizadas aulas públicas de instrução primária que teve durante a infância. Contudo, ao contrário de Lisboa, cujo falecimento deu-se no exterior, Sotero jamais saiu de São Luís do Maranhão, sua cidade natal, onde nasceu em 22 de abril de 1800.

As doze anos, foi encaminhado para o trabalho comercial, empregando-se como caixeiro na loja de um parente, dividindo-se entre essa atividade e a fazenda dos pais, no município de Guimarães, interior do Maranhão. Com o desenvolvido gosto pela leitura, solicitou aos pais

que continuasse os estudos, entrando depois para a aula pública de latim no Convento de Nossa Senhora do Carmo, onde conheceu Odorico Mendes. Com os progressos manifestados pelo jovem Sotero na língua latina, o Frei Caetano de Vilhena Ribeiro lhe repassou a regência das classes menos adiantadas, até que aos poucos foi assumindo o posto do prelado em suas ausências. Conseguiu concluir o curso de latinidade em pouco tempo, antes de seus colegas, estudando depois retórica e filosofia com o mesmo professor, além de francês e aritmética, estes com o auxílio de amigos e terceiros que se interessaram pelo seu talento. Com a conclusão dos estudos preparatórios, veio-lhe o desejo de estudar em França, onde desejava frequentar uma faculdade de medicina, mas o prematuro falecimento do pai interrompeu-lhe os planos, que nunca mais foram retomados desde então.

No entanto, tornado antes do tempo em chefe de família, ao lado de sua mãe, resolveu empregar o seu talento e habilitações em alguma atividade rentável, de modo que abriu, em sua própria residência, aulas particulares de latim e francês, com apenas dezoito anos. Pouco tempo depois, o italiano Tiago Carlos de la Rocca fundou em São Luís um colégio de instrução primária, que passou a ser auxiliado pelo governador do Maranhão, o tenente-general Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, em virtude de ser o primeiro estabelecimento daquela natureza a ser criado na província. Em 17 de julho de 1821, Sotero dos Reis foi nomeado pelo mesmo governador para reger no estabelecimento de Carlos de la Rocca a cadeira de gramática latina, depois efetivando-se em 1823 na cadeira pública da mesma disciplina, provido por concurso público, onde logrou o primeiro lugar entre os concorrentes. Foi nesta cadeira que se consagrou como o melhor professor de latim, literatura e língua portuguesa da província, tendo depois lecionado para alunos brilhantes como João Lisboa.

Com o tempo, o autor do *Curso de literatura portuguesa e brasileira* (1866-1878) ganhou cada vez mais prestígio e reconhecimento junto à sociedade maranhense, tendo sido nomeado durante vários anos como mesário e definidor da Santa Casa de Misericórdia até ser provido, mais tarde, como diretor do *Liceu Maranhense* e primeiro inspetor da instrução pública da província, conforme veremos em momento posterior. Também fez parte dos conselhos gerais da província, sendo eleito deputado provincial em 1832, e reeleito por várias legislaturas seguidas, sobretudo a de 1862-1864, ocupando então o cargo de presidente da Assembleia Provincial. O prestígio e a projeção social de Sotero dos

Reis como homem de letras, professor, político e jornalista era, àquele ponto de sua carreira, patente e inquestionável, dada a sua intensa participação diante dos fatos mais importantes da vida e da cultura provinciais. Um exemplo de sua importante atuação como homem público é a conferência realizada no palácio da presidência durante a eclosão da *Balaiada* (1839-1840), quando as principais forças políticas da província foram consultadas pelo recém-empossado presidente Manoel Felizardo de Sousa Melo, em substituição a Vicente Tomás Pires de Figueiredo Camargo, fato este registrado com bastante ênfase por Domingos José Gonçalves de Magalhães em sua célebre *Memória histórica e documentada da Revolução da Província do Maranhão* (1848):

É porém notorio, e os jornaes deram fé, que, em uma noite larga conferencia houve em palacio entre o doutor Joaquim Franco de Sá, juiz de direito da comarca de Alcantara, e do director do Lycêo Maranhense, Francisco Sotêro dos Reis, redactor do Investigador Constitucional, o primeiro indicado como opposicionista liberal, o segundo como muito aferado ao governo forte. A esta conferencia, ocasionada pelo encontro imprevisto dos dous (como ambos confessam em exposições defensivas que pelos periodicos fizeram), assistiu o presidente, que teve a coragem de não proferir palavra, e de em silêncio ouvil-os sem descobrir seu pensamento. Sustentou o dr. Sá a necessidade de se convocar extraordinariamente assembléa provincial, que antes de tempo, e sem haver concluido a lei do orçamento para o financeiro anno de 1840 a 41, se havia encerrado por si mesma. (...) O professor Sotêro, parecendo concordar com isto, queria em troco que passasse igualmente na assembléa provincial a suspensão de garantias, e um credito de vinte contos (outros dizem de oitenta) para despesas occultas, e d'aqui brotou a divergencia entre os dous. Diz-se que o professor Sotero propunha esta medida porque sorateiramente machinava a quêda do presidente, escrevendo elle e seus amigos para a côrte, pedindo o general Andréa que, por seu character violento e decisivo habituado estava a não respeitar cousa alguma, e contava que o general se entregaria todo à gente que o reclamava, e vexaria o partido opposto; e consta que cartas appareceram n'este sentido: o certo é que o presidente Felizardo, pela sua indecisão e docilidade, a nenhum dos partidos convinha. Já o descontentamento apparecia, e pouca confiança n'elle depositavam (MAGALHÃES, 1848, p. 284-285).

As afirmações de Gonçalves de Magalhães, dado o seu teor, foram depois refutadas pelo próprio Sotero, segundo Antônio Henriques Leal, “repondo alguns fatos na sua verdadeira luz, e dando com toda a isenção e franqueza a palma da vitória a quem *ele entendia quem era dela merecedor*” (LEAL, 1987, p. 74).

O fato é que Sotero dos Reis sempre manteve, ao longo de toda a sua atividade como jornalista e homens de letras e, sobretudo, como político, uma atitude conservadora diante das instituições e das leis, expondo em seus artigos e nos periódicos em que esteve à frente da redação uma postura de defesa aberta e irredutível dos princípios contidos na Constituição de sua época, alistando-se, portanto, entre os defensores do governo e das instituições constituídas. Suas ideias, embora expressas com equilíbrio e sensatez, jamais se afastavam dessa posição, sempre encontrando adversários entre os representantes das fileiras liberais, como João Lisboa, que sempre o censuravam por defender os atos dos presidentes da província que aprovava segundo seus critérios pessoais. Para defender as suas posições como político e homem de letras, fundou desde 1825, logo no alvorecer da nacionalidade brasileira, como contemporâneo de Odorico Mendes, o seu primeiro órgão na imprensa maranhense, depois do qual se sucederam outros. Acompanhemos um pouco esta trajetória à frente de tais periódicos.

Sua longa e intensa atividade como jornalista começou ao mesmo tempo em que seu ingresso na carreira do professorado. Sua primeira aparição na imprensa foi justamente no *Argos da Lei*, de Odorico Mendes, em março de 1825, anunciando a publicação de um periódico com o título de *Miscelânea Político-Literária*, em sociedade com o senhor Raimundo da Rocha Araújo, solicitando aos “concidadãos [...] concorrer com as uteis assignaturas à Loja de Ramos Irmãos & companhia, onde deverão ser dadas e recebidas com aquelle gosto e entusiasmo, que fortemente inspira, em nobres e briosos corações, o dezejo de aproveitar e fazer bem” (ARGOS DA LEI, 1825, p. 4). Como não conseguiu o número desejado de assinantes para a impressão do periódico, desistiu do projeto para criar outro jornal, intitulado *O Maranhense*, um hebdomadário que foi publicado com seus próprios recursos, ainda nesse mesmo mês. Em 1831 substituiu *O Maranhense* pelo *O Constitucional*, no qual foi colaborador o seu amigo Odorico Mendes, e onde ambos defendiam a moderação e o abandono das antigas tensões e rivalidades entre portugueses e brasileiros, após a abdicação de D. Pedro I. Em 1836 passou a redigir *O Investigador Maranhense*, impresso na tipografia de F. S. N.

Cascais, cuja publicação foi encerrada em 1839, substituída em janeiro de 1840 pela *A Revista*. Este periódico é considerado o mais importante publicado por Sotero dos Reis, em virtude de ter sido o veículo de seus mais célebres artigos de crítica literária, onde apresentou vários escritores nacionais ao conhecimento da opinião pública maranhense, sobretudo Gonçalves Dias, com um célebre artigo intitulado *O desabrochar do talento*, publicado no número 296, de julho de 1845. O entusiasmo e a comoção de Sotero dos Reis pela poesia de Gonçalves Dias foram tão grandes que o professor e jornalista maranhense não teve a menor dúvida em lhe fazer elogios de irrestrita admiração pelo seu talento:

O hino ao Mar é, em nossa opinião, uma peça lírica tão grandiosa, animada e variada, como o seu objeto; uma obra digna dos melhores mestres. [...] Impossível é desconhecer neste ensaio o indelével cunho do gênio, ou dessa força de concepção e enunciação tão incomensurável e tão eficaz, que não conhece no seu alcance outros limites senão aqueles que ofram marcados à humana inteligência, dessa potência de compreensão e de execução, que abrangendo o tempo, e o espaço, e o infinito, remonta-se das raiais da existência até as regiões desconhecidas do possível para beber nas fontes da criação e de vida as divinas inspirações da poesia [...]. O Sr. Gonçalves Dias, pois, que se dá a conhecer por tais ensaios (*A Inocência e a Ideia de Deus*), e faz a sua entrada no mundo literário debaixo de tão felizes auspícios, é um engenho de finíssima têmpera, um engenho que sem dúvida há de honrar o nome brasileiro, se continuar a trilhar a carreira poética. E tanto menos suspeito deve ser este tributo de justa admiração que pagamos ao talento que desponta em todo o esplendor da sua aurora, por isso que nem de vista sequer conhecemos ao ilustre aluno das musas e a quem saudamos com o Macte virtute esto! (LEAL, 1987, Tomo II, p. 36).

Esta, que seria a primeira grande crítica ao bardo de *I-Juca-Pirama*, foi precedida pela publicação de alguns poemas, naquele mesmo ano, sem autorização do autor, no *Jornal de Instrução e Recreio* (1845), periódico literário e estudantil do *Liceu Maranhense*, com a colaboração dos amigos de Gonçalves Dias, Antonio Henriques Leal e Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, que escreviam para o periódico. O que calhou mesmo foi o fato de que o redator do *Jornal de Instrução e Recreio* era Sotero dos Reis, então diretor do Liceu.

A *Revista* deixou de circular em 1850. No ano seguinte, Sotero dos Reis começa a escrever para o *Correio dos Anúncios*, cujo nome foi substituído em 1862 por *O Constitucional*. Estes dois últimos periódicos foram impressos e patrocinados pela tipografia da Temperança, de Manuel Pereira Ramos, em São Luís. O *Constitucional* manteve linha editorial semelhante ao seu homônimo anterior (1831), publicado por Sotero e Odorico Mendes, defendendo ideias de conciliação e defesa da constituição. Contudo, em 1854, o ilustre professor maranhense é convidado para dirigir a redação do jornal *O Observador*, fundado em 1847 por Cândido Mendes de Almeida, que mantinha a sua própria tipografia em São Luís. Permaneceu dois anos à frente do *Observador*, quando passou a redigir, em 1856, o jornal oficial da província, o *Publicador Maranhense*, de Inácio José Ferreira, proprietário da tipografia onde era impresso. Conservou-se nesse órgão de imprensa até 1861, quando abandonou o jornalismo, dedicando-se somente à carreira de professor, literato e filólogo, segundo Antonio Henriques Leal, como resultado de pressão política do presidente da província à época.

Dentre as rivalidades que Sotero dos Reis sustentou enquanto manteve a atividade como jornalista, a mais célebre foi sem dúvida com João Francisco Lisboa. Como defendiam ideias políticas e intelectuais discordantes, por mais de uma vez trocaram farpas na imprensa maranhense, sobretudo no episódio da *Balaiada*, em que os correligionários de Sotero, com o objetivo de desprestigiá-los junto à opinião pública, apontaram os liberais como os líderes intelectuais da sedição, entre os quais o autor do *Jornal de Timon* seria o mais destacado. Contudo, o temperamento bem mais cordato de Sotero, segundo Antonio Henriques Leal, embora influenciado nos momentos de maior exaltação política pela opinião de seus colegas de partido – em que pese o panegírico do autor do *Pantheon Maranhense* –, sempre evitou que o professor do *Liceu* chegasse aos extremos da falta de cordialidade e respeito entre ambos, de modo que, ao que tudo indica através da leitura de seus textos, nunca deixou de manifestar admiração pelo talento e caráter de seu ex-aluno e êmulo político e intelectual. Antes de publicar o seu *Curso de literatura portuguesa e brasileira*, em que dedica um capítulo a João Francisco Lisboa, Sotero já havia retratado sua opinião publicamente sobre o autor do *Jornal de Timon*, no número 38 do *Publicador Maranhense*, de 16 de fevereiro de 1861, em resposta a um ataque de seus opositores no periódico intitulado *Moderação*:

Pois não é ainda hoje o Sr. J. F. Lisboa uma de nossas primeiras capacidades jornalísticas, como o atestam não só os seus escritos sérios, mas até aqueles inimitáveis retratos em que rivaliza com Cormenin, que os não faz decerto melhores, ou uma verdadeira notabilidade literária, para dizer tudo? (LEAL, 1987, Tomo I, p. 78)

Como quer que seja, a importância de Sotero junto à opinião pública maranhense deve-se ao fato de sua inegável contribuição para a formação do gosto literário da época, com seus artigos de crítica literária e a divulgação e estímulo dos talentos locais e nacionais. Ao lado de sua intensa e destacada atividade como latinista, filólogo e historiador da literatura, a sua atuação como jornalista exerceu grande influência sobre os fatos públicos da província, ajudando a consolidar a fama do Maranhão como um celeiro de intelectuais e homens de letras, com repercussão nacional, sem jamais ter saído de sua terra natal. Seu nome, apesar disso, conseguiu alguma projeção fora dos limites provinciais, sobretudo em 1856, quando publicou em folhetos a biografia do falecido presidente da província Eduardo Olímpio Machado, que teve uma notável atuação à frente da instrução pública maranhense. O texto chamou atenção dos sócios do IHGB, que foi depois transcrito na *Revista Trimensal* do instituto, com o seguinte comentário de rodapé:

O presente trabalho biographico, que julgamos digno de figurar nas paginas da Revista Trimensal, é devido a penna de um distincto litterato e escriptor de não vulgar merecimento da provincia do Maranhão, a respeito do qual expressou-se assim o Correio Mercantil, folha diária d'esta côrte: "Obrigado a uma vida laboriosa para se manter – sem recursos materiaes para sahir do limitado horizonte provincial – o sr. F. Sotero dos Reis, apezar de seus talentos e estudos litterarios, é apenas conhecido por uma ou outra pessoa, que haja passado pelo Maranhão. E no emtanto, quer no conhecimento e uso da lingua portugueza, quer na lição dos classicos das principaes litteraturas, é elle um digno compatriota de Timon, de Odorico Mendes, de Gonçalves Dias" (REIS, 1856, p. 607).

A imprensa maranhense oitocentista conheceu um grande número de jornalistas e periódicos com intensa atividade não somente na capital da província, mas também pelas cidades do interior do Mara-

nhão. Foram muitos os jornais e revistas postos em circulação, sobretudo em virtude do significativo crescimento do parque tipográfico instalado principalmente em São Luís. Nesta fase de prosperidade e crescimento do jornalismo maranhense, é possível enfatizar a atuação de alguns importantes periódicos literários, a maioria com uma duração sempre muito breve, mas que foram decisivos para a consolidação do *mundo literário* da província, uma vez que ofereceram espaço para a publicação da abundante produção poética que o Maranhão conheceu logo após a criação de um dos parques tipográficos mais ativos e avançados do Brasil do século XIX.

No ano de 1845, surge o *Jornal de Instrução e Recreio*, uma revista criada pela *Associação Literária Maranhense*, fundada naquele mesmo ano e composta pelos estudantes do *Liceu Maranhense*, entre os quais constavam inicialmente Luís Antônio Vieira da Silva, Antônio Henriques Leal, Pedro Guimarães, Augusto Frederico Colin, Augusto César dos Reis Raiol, entre outros. Mais tarde, em sessão ordinária de 11 de maio de 1845, a *Associação Literária Maranhense* ampliou o seu quadro de associados, aprovando, entre outros, como membros honorários, Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, Antonio Gonçalves Dias e José Ricardo Jauffret (JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO, 1845, p. 57).

O *Jornal de Instrução e Recreio* foi o primeiro órgão oficial de imprensa da entidade, cujo primeiro número saiu a 25 de fevereiro daquele ano. Pode-se contar, portanto, esta revista como o primeiro periódico exclusivamente literário publicado no Maranhão, uma vez que, apesar de muitos de seus artigos versarem sobre ensino, métodos e sistematização de estudos, era uma revista de belas-letas, escrita por literatos. Em suas páginas foram publicados os primeiros poemas de Gonçalves Dias que, conforme vimos anteriormente, foram objeto da primeira grande apreciação de crítica literária obtida pelo então jovem bardo maranhense, escrita por Sotero dos Reis. Além de poemas e contos, o periódico também publicou artigos sobre assuntos diversos, como historiografia, moral, artes, religião, biografias, e anúncios. O *Jornal de Instrução e Recreio* circulou até o ano seguinte, mensalmente, quando foi extinto e substituído pelo *O Arquivo*, órgão da mesma associação, em 28 de fevereiro de 1846.

A publicação científica e literária *O Arquivo* contava, em geral, com cerca de 20 páginas de texto a cada número, tendo como objetivos a divulgação das letras, ciências e do gosto pela instrução entre os maranhenses. Nos nove números impressos, foram publicados artigos

sobre os mais diversos assuntos: literatura, teatro, boletins bibliográficos, historiografia, história natural, economia, política, fisiologia, tecnologia, teologia, notícias e variedades, crítica literária, fragmentos de romances, novelas, contos, traduções e poemas. Contudo, o assunto dominante era mesmo o literário. Somente no primeiro número havia uma seção dedicada exclusivamente a artigos científicos, depois abolida nos números seguintes. Na época em que *O Arquivo* foi editado, o presidente da *Associação Literária Maranhense* era Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, amigo íntimo de Antonio Gonçalves Dias, então membro efetivo da entidade, que assina a introdução do primeiro número, onde consta a linha editorial do periódico:

A ASSOCIAÇÃO LITERARIA MARANHENSE – esta empresa de alguns mancebos corajosos, que affrontando obstáculos e difficuldades, tentaram espalhar pela massa de seus comprovincianos – não a instrucção, porém o desejo de instruir-se; não a sciencia, porém o amor d’ella.[...] Fieis ao nosso primeiro programma, o nosso fim continua a ser = A INSTRUCCÃO E O RECREIO = sómente forcejaremos para offerecer aos nossos leitores instrucção mais solida e recreio mais variado. Augmentámos o volume da nossa folha litteraria – de ora avanta haverá logar nas nossas columnas para todos os artigos de sciencias, quer sejam philosophicas – quer positivas, quer abstractas. – Não faremos disertações profundas – não faremos descobertas maravilhosas – não nos entranharemos no dedalo das sciencias para lhes desnudarmos os nervos com o escalpello da critica – não innovaremos em uma palavra, porem as nossas ideas serão simples, as nossas palavras expressivas – e os nossos artigos accommodados a todas as capacidades; - porque, nós o repetimos, nosso fim não é aperfeiçoar as sciencias (longe de nós tal arrojio) é sim propagar o amor della – o amor do estudo – o amor da instrucção. (O ARCHIVO: JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO, 1846, p. 1)

Nas páginas de *O Arquivo* é que se pode contar efetivamente o início da carreira literária de Gonçalves Dias, não apenas como membro efetivo da *Associação Literária Maranhense*, mas como colaborador assíduo do periódico, pois os poemas publicados no *Jornal de Instrução e Recreio*, segundo Antonio Henriques Leal, um ano antes, o foram sem a devida autorização e o conhecimento do vate maranhense. A partir do

primeiro número de *O Arquivo*, a presença de Gonçalves Dias na equipe de redação da revista literária passa a ser uma constante, nela publicando algumas peças importantes, como os poemas *Os seus olhos*, *A Escrava* e *Te Deum*, os fragmentos do romance inacabado *Memórias de Agapito*, alguns artigos de crítica teatral, intitulados *Revista Dramática*, e algumas traduções da literatura francesa. Deve-se, portanto, aos dois periódicos da *Associação Literária Maranhense* a estreia e o reconhecimento do autor de *I-Juca-Pirama* em letra impressa, como também de seu futuro biógrafo, Antonio Henriques Leal, e o vindouro antagonista deste último, Frederico José Correia.

Deste modo, a fundação da *Associação Literária Maranhense* e de seus dois periódicos foram acontecimentos da maior importância para as belas-letas da província, ao menos pelo motivo de ter trazido a lume o maior talento poético maranhense do século 19, considerado por igual um dos melhores poetas brasileiros de todos os tempos. Por outro lado, o *Jornal de Instrução e Recreio* e *O Arquivo* foram veículos essenciais para a formação de uma primeira geração de literatos bastante ativos no Maranhão do período e na consolidação de uma literatura produzida por literatos maranhenses muito conscientes de seus papéis como criadores e difusores da cultura letrada, contribuindo para a grandeza da cultura nacional dentro e fora da província. Além disso, os dois periódicos maranhenses adotaram como modelo algumas publicações do mesmo gênero que, desde 1831, surgiram em todo o país, sobretudo a *Revista da Sociedade Filomática* (1833) e a célebre *Revista Niterói* (1836). Os traços editoriais destes periódicos foram reproduzidos nos órgãos de imprensa literária do Maranhão, sobretudo no que diz respeito ao orgulho patriótico, o objetivo de levar educação e cultura aos leitores, através de um conjunto copioso e variado de artigos, com informações que abrangiam o cultivo das belas-letas, das artes em geral e das ciências, dedicando-se também à economia política, novidades tecnológicas e científicas, notícias estrangeiras e nacionais, sempre com a preocupação de fomentar o debate intelectual sobre a realidade econômica, política e cultural do país. Além disso, pela própria natureza de vulgarização que estes periódicos tinham, havia uma acentuada preocupação em escrevê-los com uma linguagem culta, mas simples, acessível e atraente.

Com o encerramento das atividades de *O Arquivo*, o grupo fundador da *Associação Literária Maranhense* dissolve-se, para depois reorganizar-se em outras entidades e periódicos, como o *Jornal da Sociedade Filomática Maranhense* (1846), órgão cuja breve duração acabou

por denominá-lo posteriormente como *Revista da Sociedade Filomática*, como sua homônima paulista, em razão do espaçado intervalo de sua circulação (SERRA, 2001, p. 44). O primeiro número data de outubro de 1846 e o segundo de junho do ano seguinte. A *Sociedade Filomática Maranhense* foi fundada por Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, Silva Maia, Fábio Reis, Raimundo Matos, Manuel Vilhena e Gomes Belfort, entre outros, e instituiu preleções científicas e literárias no salão da Câmara Municipal de São Luís, uma vez por semana, aos domingos. O *Journal da Sociedade Filomática Maranhense*, apesar de ter sido também um dos espaços existentes para a publicação da produção literária que teve lugar no Maranhão nesse período, teve seus dois números consagrados, na maior parte de suas páginas, a artigos de caráter e assuntos científicos, sobretudo agrícolas. Extinto o órgão, o mesmo grupo depois vai redigir e colaborar, sob a direção de Pedro Nunes Leal, com a *Revista Universal Maranhense* (1849-1850), jornal literário cujo maior interesse é a tradução inacabada de *Os Lusíadas* em alexandrinos franceses, realizada por José Ricardo Jauffret, cujo episódio do gigante Adamastor foi depois republicada no *Parnaso Maranhense* (1861).

Outro periódico literário de alguma importância para a consolidação do mundo literário no Maranhão oitocentista foi o *Eco da Juventude* (1864-1865), “publicação dedicada à litteratura” que reuniu um conjunto menos expressivo de literatos que ocupavam o cenário das belas-lettras maranhenses, entre os quais se destacava a professora e escritora Maria Firmina dos Reis, autora do romance de tema abolicionista *Úrsula* (1859), considerado a primeira ficção do gênero escrita por uma brasileira e um dos primeiros romances de autoria feminina no Brasil. No *Eco da Juventude* a ficcionista e poeta maranhense publicou alguns poemas e a pequena ficção em forma de folhetim *Gupeva, romance brasiliense*, publicada entre os números 14 e 17 do periódico. Chama também atenção a publicação da série de artigos intitulados *Bosquejos de literatura brasileira*, assinado pelo colaborador R. Lemos, um dos mais assíduos do periódico. O autor, bastante influenciado pelo pensamento filosófico, talvez seja o mais eminente discípulo de Victor Cousin no Maranhão, professando em seus textos o ecletismo cristão típico dos intelectuais e literatos do período joanino e da primeira regência no Brasil, a exemplo de Monte Alverne e Gonçalves de Magalhães. Em seus *Bosquejos de literatura brasileira*, o pesquisador maranhense procura demonstrar a tese romântica da emancipação da literatura brasileira ainda no século XVIII, a partir do grupo mineiro formado por Cláudio

Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Inácio José de Alvarenga Peixoto, seguindo de perto as idéias de Cousin, Villemain e Guizot:

Ha no seculo XVIII duas faces, duas feições distinctas: a frente e o reverso, o bom e o máo promiscuamente. A Historia o conserva e o transmite com suas bellezas e horrores, seus bens e males. “A Historia, observa Victor Cousin, não diz somente o bem, refere tambem o mal; assim o deve fazer, mas não abafar o bem sob a descripção do mal; deixo portanto as extravagancias aos extravagantes, os crimes aos criminosos, e affasto os olhos desse sangue, e desse tremedal...” [...] confessamos, porém, com Villemain e Guizot, ser o seculo XVIII um dos maiores que há apparecido no mundo. (ECHO DA JUVENTUDE, 1865, número 5, p. 33)

Um sabio francez, litterato e philosopho, Mr. Cousin, diz: Se o seculo XVIII é um seculo da dissolução, não será um seculo da poesia, porque a poesia é a expressão, a voz harmoniosa, e por assim dizer, a flor de um estado de couzas fixo e estabelecido; esta flor não podia desabrochar no meio de uma crise. [...] Gonzaga, Costa e Alvarenga formão uma epocha de gloria, e de lagrimas, para a litteratura, e para a patria. Se exigem da historia um lugar distincto como poetas e homens de letras, não será inferior como zelladores da liberdade publica, visto que forão elles, e mais alguns bravos, que ensaiarão tentativas de emancipação. (ECHO DA JUVENTUDE, 11 de dezembro de 1864, número 1, p. 2)

O periódico literário *Eco da Juventude* circulou durante 24 números, contando sempre com oito páginas semanais, e abordava temas relacionados à literatura, à filosofia, à religião, à geografia, à história e à instrução pública no Maranhão. Em suas páginas também se fez ardente defesa da memória de Gonçalves Dias, dando início a uma campanha pela construção de um monumento em homenagem póstuma ao vate maranhense que, segundo um dos redatores, “não era somente desta abençoada parte do Imperio, era do Brazil” (*Idem, ibidem*, 11 de dezembro de 1864, número 1, p. 2). O *Eco da Juventude*, portanto, era um dos índices do processo de maturação e fixação das tradições literárias e intelectuais maranhenses, possuindo o seu panteão de nomes célebres, dos quais já se orgulhava a província.

Outros órgãos menos expressivos foram ainda publicados ao longo desse período de formação da identidade cultural e literária da

província, como *A Marmota Maranhense* (1851), periódico recreativo e literário mantido inicialmente por Inácio José Ferreira, da Tipografia Constitucional, depois publicado por Manuel Pereira Ramos, da Tipografia da Temperança, ambas de São Luís. Teve como modelo *A Marmota da Corte* (1849-1861), de Francisco de Paula Brito, que também inspirou o semanário *A Marmotinha* (1860). Ambos publicavam uma grande variedade de artigos literários, crônicas locais, poemas e textos de conteúdo jocoso e recreativo. Muitos outros periódicos de curta duração, de conteúdo literário e recreativo, foram publicados ao longo do século 19 do Maranhão, todos de curta ou curtíssima duração, em uma copiosa oferta de espaços destinados à vazão da produção literária da província. Através destes jornais e revistas, o Maranhão conheceu uma profusão incontável de verzejadores, ficcionistas, articulistas e biógrafos de homens de letras e ciências. A maior parte destes intelectuais e literatos foram depois reunidos no *Parnaso Maranhense*, onde se pode ter uma idéia da considerável quantidade de cultuadores da arte poética que surgiu na província maranhense ao longo do século XXI, mesmo sem considerar todos os nomes. Entre os mais representativos, é possível citar, por ordem alfabética, Antonio Gonçalves Dias, Antonio Marques Rodrigues, Antonio Joaquim Franco de Sá, Augusto César dos Reis Raiol, Augusto Olímpio Gomes de Castro, Antonio César de Berredo, Augusto Frederico Colin, Francisco Sotero dos Reis, Frederico José Correia, Felipe Franco de Sá, Francisco Sotero dos Reis Júnior, Gentil Homem de Almeida Braga, João Duarte Lisboa Serra, José Ricardo Jauffret, Joaquim Maria Serra Sobrinho, Joaquim de Sousa Andrade, João Antonio Coqueiro, Luiz Antonio Vieira da Silva, Manoel Odorico Mendes, Maria Firmina dos Reis, Raymundo Brito Gomes de Sousa e Trajano Galvão de Carvalho. A grande maioria não possuía habilidades poéticas excepcionais, equilibrando-se mais ou menos no nível da mediocridade, às vezes com algum destaque, com a única menção inequívoca de mérito e talento a Gonçalves Dias.

Contudo, dentre os jornalistas literários que teve o Maranhão, destaca-se entre todos o nome de Joaquim Maria Sobrinho Serra, professor, político, jornalista, tradutor, poeta e teatrólogo que participou intensamente da campanha da abolição da escravatura, defendendo-a à frente de diversos periódicos. Iniciou-se na imprensa em 1859, com 24 anos de idade, colaborando, no Maranhão, na redação de *Ordem e Progresso*, e depois em *O Publicador Maranhense*, *A Imprensa* e *A Coalizão*. Sua atividade como jornalista não se restringiu, no entanto, somente à província. Na

capital do império, quando para lá se transferiu em 1868, prosseguiu em suas atividades jornalísticas, escrevendo para *A Reforma*, *O País*, *Gazeta de Notícias*, sobretudo para o *Abolicionista*, tendo ainda dirigido o *Diário Oficial do Império*. No Rio de Janeiro tornou-se também bastante conhecido, sobretudo no circuito literário, devido à sua atividade como literato e tradutor, tendo se tornado íntimo de vários escritores cariocas influentes do período, como Joaquim Nabuco e Machado de Assis. Entretanto, adquiriu grande celebridade como propagandista da abolição, lutando ao lado de Joaquim Nabuco, Quintino Bocaiúva e outros. De sua copiosa produção literária destacam-se as obras *Um coração de mulher* (1867), o livro de poemas *Quadros* (1873), várias peças teatrais e as memórias *Sessenta anos de jornalismo: a imprensa no Maranhão* (1883), na qual descreve panoramicamente a história da imprensa jornalística maranhense entre 1820 e 1880. A respeito de sua intensa atividade como abolicionista, Joaquim Nabuco destaca:

Outro com quem vivi até sua morte em grande aproximação de idéias, foi Joaquim Serra. Desde 1880 até a abolição ele não deixou de passar um dia sem a sua linha... [...] Renunciando os primeiros lugares, ele mostrava, entretanto, de mais em mais uma agudeza de vista e uma clareza de expressão dignas de um verdadeiro líder. [...] Serra era um espírito político, mas acima do seu partido, do qual fora durante a oposição o mais serviçal dos auxiliares, colocava a nossa causa comum com uma sinceridade íntima que nunca foi suspeitada... “Passamento do grande Joaquim Serra, escreve Rebouças no seu Diário de 29 de Outubro de 1888, companheiro de Academia em 1854 e de luta abolicionista de 1880-1888, o publicista que mais escreveu contra os escravocratas” – “Ninguém fez mais do que ele, escrevia Gusmão Lobo por sua morte... e quem fez tanto...? (NABUCO, 1949, p. 255. (grifos do autor))

Sua mais significativa contribuição para as belas-letas deu-se, no entanto, ainda na província, com a fundação do *Semanário Maranhense* (1867-1868), importante periódico literário da segunda metade do século 19, responsável pela publicação e reconhecimento da copiosa produção de toda uma nova e importante geração de intelectuais e literatos maranhenses, após o desaparecimento de Gonçalves Dias, Odorico Mendes, João Francisco Lisboa, Gomes de Sousa e Trajano Galvão de Carvalho, no período de apenas dois anos, entre 1863 e 1864, como,

aliás, atesta o seu próprio editorial de fundação: “Se a grande phalange dos talentos de primeira ordem, que era a vanguarda illuster do Maranhão, jaz hoje quase aniquilada pelo braço da morte; muita intelligencia e opulenta ahi se levanta para reatar o fio das gloriosas tradições” (SEMANÁRIO MARANHENSE. Anno I, número 1, 1867, p. 1).

Contudo, o periódico de Joaquim Serra conseguiu também reunir em suas páginas os homens de letras remanescentes e significativos daquele período, além dos novos talentos que foram surgindo. Dos mais velhos, destacam-se Francisco Sotero dos Reis, Antonio Henriques Leal, Gentil Homem de Almeida Braga, Joaquim de Sousândrade, César Augusto Marques, Antônio Henriques Leal, Pedro Nunes Leal, e, entre os mais jovens, Teófilo Dias e Celso Magalhães. O *Semanário Maranhense* tinha, portanto, uma perfeita consciência do importante papel de divulgação e reconhecimento que desempenhava junto às letras e à vida cultural da província, chamando para si a toda a tradição local fundada sob o discurso da literatura, ciências e artes, já consolidado como algo típico da identidade maranhense:

O Semanario Maranhense é um jornal modesto. [...]; apenas quer ser o archivo, onde se encontrem vestigios dos esforços empregados por alguns filhos desta terra, em bem da litteratura e das artes. [...]. Esta provincia é rica de talentos e de vocações. Entre todas as suas irmãs é ella a que se dedica com mais escrupulo e seriedade a estudos litterarios; é aquella que apresenta com orgulho vultos taes como Gonçalves Dias, Odorico Mendes, João Lisboa, Sotero dos Reis e outros na republica das letras; e Joaquim Souza e Custodio Serrão nas sciencias. Já houve quem a chamasse de Athenas brasileira, e o nome conferido em tão solemne baptismo, não foi nunca contestado nem posto em duvida, pelos que conhecem a abençoada terra. (SEMANÁRIO MARANHENSE. Anno I, número 1, 1867, p. 1a)

O periódico fundado por Joaquim Serra tinha como objetivo central, deste modo, a vulgarização do gosto pelas letras e ciências nacionais, tornando-se um instrumento não apenas de publicidade literária, mas especialmente, em um país onde o livro ainda não era o meio mais eficaz de difusão da cultura letrada, uma ferramenta poderosa a serviço do processo civilizatório e de inculcação das tradições locais. Com isto, assumiu a missão de oferecer as suas páginas como foro adequado para que as artes e as ciências, sobretudo a literatura, ocupassem um

espaço privilegiado na pauta da opinião pública da província, transformando-se na “arena onde venhão ensaiar as forças todos aquelles que estão dispostos a trabalhar” em um “jornal litterario (...) que represente a aspiração dos que se interessão pelo progresso e engradecimento da litteratura patria”, (SEMANÁRIO MARANHENSE. Anno I, número 1, 1867, p. 1b) tendo como modelos periódicos literários publicados no Maranhão, como o *Jornal de Instrução e Recreio*, *O Arquivo* e a *Revista Universal Maranhense*. Como se vê, em torno do *Semanario Maranhense* ergueu-se o discurso de exaltação da inteligência local, especialmente como construtora da identidade e cultura nacionais, a partir da cultura da província, o que certamente lhe valeu a palma de primeiro órgão de imprensa maranhense a apontar para o rastro de tradição deixado pelos homens de letras e intelectuais que precederam o surgimento do periódico, apontados como os pais fundadores das letras e das ciências do Maranhão, legitimando assim, em definitivo, o mito oitocentista da “Atenas Brasileira”.

Assim, com uma linha editorial acentuadamente voltada para o cultivo das belas letras e da cultura locais, sem descuidar do patriotismo, mas sempre com um pé fincado no orgulho das “tradições” provinciais, o *Semanário Maranhense* pôs à disposição de seus leitores um conjunto de artigos e peças literárias bastante diversificado, entre contos, novelas, artigos de interesse historiográfico e econômico, poemas, crônicas, crítica literária, preleções, cursos, entre outros. Nas páginas do periódico se publicaram alguns poemas da professora e escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, dando sinais da abertura que o órgão tinha com intelectuais femininos. O periódico maranhense também teve um destacado papel na tentativa de introduzir no Maranhão o gosto pela literatura folhetinesca, assim como acontecia no Rio de Janeiro. Entre os autores que mais trabalharam neste sentido, destaca-se Francisco Gaudêncio Sabbas da Costa, que publicou no *Semanário* o “esboço de romance” intitulado *Jacy*, com 14 capítulos, o romance *Os amigos*, com 25 capítulos, e a novela *Jovita*, com apenas 3 capítulos, fundando praticamente a novelística da província, uma vez que outros prosadores de ficção virão somente após ele, embora Gonçalves Dias houvesse trabalhado desde 1842 em suas *Memórias de Agapito*. Outros dois folhetins publicados nas páginas do *Semanário*, porém de caráter não-ficcional, são as duas seções intituladas *Crônica Interna* e *Crônica Externa*, cujas autorias, respectivamente, são de Joaquim Serra e Gentil Braga, sob os respectivos pseudônimos de Pietro de Castellamare e Flávio Reimar. O *Semanário Maranhense*, po-

rém, não se restringiu somente à divulgação dos numerosos talentos da província. Em suas páginas circulou, por igual, algumas peças de escritores e homens de letras de renome nacional e autores de outras nacionalidades, entre os quais se destacam José de Alencar, José Bonifácio de Andrada e Silva, Joaquim Maria Machado de Assis, Giuseppe Garibaldi e Heinrich Heine, alguns com os quais, como Machado de Assis, Joaquim Serra travaria conhecimento e gozaria de proximidade e prestígio no Rio de Janeiro. De José de Alencar foi publicada a carta *Um poeta*, endereçada a Machado de Assis, na qual se apresentava Castro Alves ao escritor carioca como um brilhante jovem poeta. Já Machado de Assis publicou nas páginas do periódico literário maranhense a tradução do poema de Alexandre Dumas Filho, *Estâncias a Emma*, depois republicado em *Falenas* (1870).

O fato é que o *Semanário Maranhense* pôde projetar a sua influência como periódico literário para além das fronteiras do Maranhão, tornando-se, durante o breve intervalo de sua existência, um órgão vital para a divulgação das letras locais e nacionais, através do qual vibrou o fulcro das realizações de uma geração que nascia sob o signo de um passado recente em que os filhos mais ilustres da província foram alguns dos mais destacados atores na luta pela consolidação da pátria e da identidade cultural da nação. No entanto, devido à brevidade de sua duração, encerrando as suas atividades assim que Joaquim Serra transferiu-se para o Rio de Janeiro, não pôde atingir plenamente os objetivos traçados pelo seu fundador, que ambicionava reproduzir no Maranhão a mesma agitação da imprensa literária da corte, com revistas e periódicos voltados exclusivamente para a difusão e consolidação da literatura, artes e ciências:

O Semanario Maranhense não passou de tentativa malograda, e alguns pequenos jornaes de litteratura fugitiva, fundados por estudantes do Lyceu, de escassa circulação e existencia fugaz, por forma alguma representam a grande vitalidade intellectual e a superioridade de estudos litterarios dos jornalistas maranhenses. Esparsos pelos periodicos politicos, neutros, e commerciaes é que se encontram os melhores trabalhos, os mais recommendaveis títulos dos litteratos que militaram na imprensa jornalística. O Maranhão bem que poderia ter possuido revistas de tão alta importancia como essa de que gozaram no paiz a Minerva Brasiliense ou a Guanabara, publicadas na capital do imperio. Sobravam-lhe elementos para isso. (SERRA, 2001, p. 62)

Como quer que seja, a imprensa maranhense havia atingido um inequívoco processo de maturação durante o século 19, e os jornais e as revistas literárias e científicas, mesmo com duração efêmera, haviam sido incorporados à cultura e à vida social da província, principalmente na capital, São Luís. Sobretudo após a Maioridade observa-se, em todo o país e também no Maranhão, que a qualidade dos periódicos melhora de maneira considerável, uma vez que a agitada atividade política que teve palco entre 1822 e 1840 deu lugar, após o começo do segundo reinado, a um período longo de relativa calma e paz entre os partidos políticos, diminuindo assim a profusão de pasquins e jornais partidários, cujas linhas editoriais, com artigos apaixonados e polêmicos, diminuía os predicados dos textos publicados. Além disso, nessa época os periódicos já podiam contar com um público relativamente cativo, e, em virtude do crescimento da indústria tipográfica e do aumento da oferta de espaços destinados à publicação de textos diversos e propaganda comercial, com uma distribuição razoavelmente melhor e preços mais baixos. Coadjuvada pelo grande parque tipográfico à sua disposição, a imprensa maranhense, em resumo, instalou-se em definitivo no coração da sociedade, ajudando a formar e consolidar a opinião pública não somente no que diz respeito ao debate político, mas também em relação ao gosto literário, artístico e mundano, divulgando, por igual, assuntos relativos à instrução pública, à ciência e à filosofia.

## Referências

ARGOS DA LEI. Número 16. Terça-feira, 1 de Março de 1825. São Luís: Typographia Nacional.

ECHO DA JUVENTUDE. (1864-1865). Ed. fac-similar. SECMA: São Luís, 1987.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO. São Luís: Typographia Maranhense, 1845.

IGNOTUS (SERRA, Joaquim), *Sessenta anos de jornalismo: a imprensa no Maranhão (1820-1880)*, 3<sup>a</sup>. ed. São Paulo, 2001.

LEAL, Antonio Henriques. *Pantheon maranhense: ensaios biográficos dos*

*maranhenses já falecidos*. 2ª. Edição, Tomo I. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1987.

LOPES, Antônio. *História da imprensa no Maranhão (1821-1925)*. Departamento de Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, 1959.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. *Memória histórica e documentada da Revolução da Província do Maranhão desde 1839 até 1840*. In: Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Segunda série; tomo terceiro. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1848, pp. 284-285.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. *Memória histórica e documentada da Revolução da Província do Maranhão desde 1839 até 1840*. Notas de Antônio Henriques Leal. 6ª. edição. – São Paulo: Siciliano, 2001.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1949.

O ARQUIVO. Jornal científico e litterario da Associação Litteraria Maranhense. (1846). São Luís: Typographia Maranhense.

REIS, Francisco Sotero dos. *Biographia dos brasileiros illustres pelas ciencias, letras, armas e virtudes: Eduardo Olympio Machado*. In: Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil. Tomo XIX. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1856.

SEMANÁRIO MARANHENSE. (1867-1868). São Luís: Typographia de B. de Mattos. In: Ed. fac-similar. SIOGE: São Luís, 1979.

## Notas

[1] Possui 92 páginas.

**\* Ricardo André Ferreira Martins**

Doutor em Teoria e História Literária, pelo IEL/UNICAMP. Docente da Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras, nível de Mestrado, área de concentração em Literatura Comparada, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões/URI.

**E-mail:**

ricardoafmartins@gmail.com

---